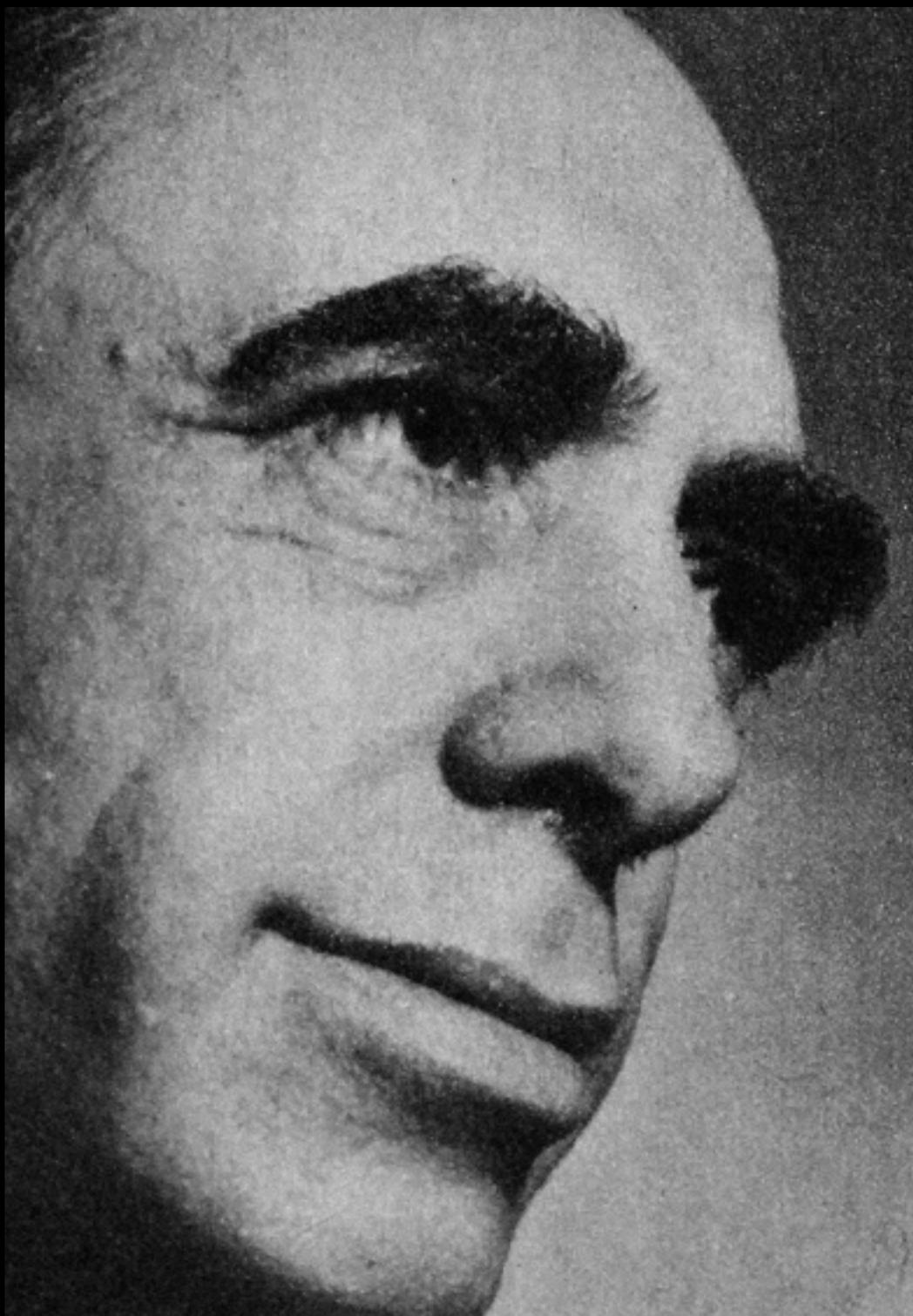


332

**Otto Maria Carpeaux  
por Antonio Candido**

Entrevista concedida em 2009.

OTTO  
MARIA  
CARPEAUX



*por*

ANTONIO  
CANDIDO

O que sei do Otto Maria Carpeaux é o seguinte: chegou ao Brasil recomendado pelo Papa, com uma carta para Alceu Amoroso Lima, o famoso crítico Tristão de Athayde. Mas parece que o Tristão não se preocupou muito com ele. Então Carpeaux veio para São Paulo e como aqui também não tivesse conseguido grande coisa, precisou ir se desfazendo aos poucos da própria biblioteca para poder subsistir. Morava numa pensão com a senhora dele – não tinha filhos – e vendeu boa parte dos livros para um alemão que tinha um sebo na rua do Seminário.

Um dia, já em São Paulo, Carpeaux leu no *Correio da Manhã* um artigo do Álvaro Lins – grande crítico; a meu ver, o maior crítico brasileiro do meu tempo; crítico propriamente dito – e o achou muito interessante. Escreveu então uma carta ao Álvaro Lins discutindo o artigo e este viu que se tratava de um grande intelectual.

Travou correspondência com ele e o Carpeaux acabou contando sua situação. Então o Álvaro Lins o convidou para ir ao Rio, trabalhar como jornalista no *Correio da Manhã* e, com a vida já mais organizada, Carpeaux pode recomprar, aos poucos, parte da biblioteca vendida.

A primeira pessoa que me falou dele foi o Paulo Emílio Salles Gomes. Eu nunca fui de ler jornal, mas o Paulo Emílio que lia muito e comprava os jornais do Rio me disse: “Olha, tem um homem agora escrevendo artigos notáveis, sobre coisas que a gente não sabe”. Porque o Carpeaux escrevia sobre Mannheim, Max Webber, Kafka, Lichtenberg, sobre autores ingleses raros: foi quando comecei a ouvir falar dele. Isso deve ter sido logo depois de 1940, 41, 42 e o nome do Carpeaux começou a se fazer despertando imediatamente uma oposição muito violenta no Rio de Janeiro. Havia um grupo de rapazes, meio de esquerda, que implicaram com ele. Acharam que era um exibicionista intelectual, dono da verdade e fizeram campanha contra. Como Carpeaux se ligou ao Álvaro Lins e ao grupo em torno do Gilberto Freyre e esses rapazes implicavam com os nordestinos, logo começaram a atacá-lo também. Um deles era o Carlos Lacerda – o famoso Carlos Lacerda, que nesse tempo era de esquerda – e escreviam coisas muito desagradáveis, mesmo, contra o Carpeaux.

Eu comecei a fazer crítica literária na *Folha da Manhã* em 1943 como crítico titular, categoria que não existe mais hoje. Logo depois, a *Folha*

passou a transcrever, aqui em São Paulo, os artigos que o Carpeaux publicava no Rio, com isso, ele ganhava um pouco mais. Um belo dia chego na redação da *Folha da Manhã* e o secretário geral, Hermínio Sacchetta, homem muito inteligente, um dos líderes de uma das facções trotskistas – os trotskistas eram muito divididos –, me disse que tinha ficado a par desta campanha contra o Carpeaux, que era um homem de direita, que havia apoiado o Dollfuss na Áustria e, portanto, ia cortar a colaboração dele: não aceitaria mais artigos de Carpeaux na *Folha*. Eu disse “não faça isso, direita ou esquerda, não sei, não estou interessado, Carpeaux é um grande intelectual! Não faça isso! Vai entrar na briga desses rapazes do Rio que estão implicando com ele e você não tem nada com isso!”. “Tem razão!”, disse o Sacchetta, e não cortou.

Passados uns tempos, talvez em 1943, recebo uma carta do Carpeaux – ele tinha uma letra muito bonita – na qual me dizia: “Soube que você interveio a meu favor e eu não tenho estado ultimamente acostumado a atos de solidariedade”. Ele estava sendo duramente combatido e, por isso, me agradecia muito em uma carta bastante simpática. A partir daí se estabeleceu um contato entre nós.

Lá por 1944, 1945, talvez no fim de 43, não me lembro bem, fui ao Rio e procurei o Álvaro Lins, que me escrevia e pelo qual eu tinha grande admiração. Quando cheguei no apartamento do Álvaro Lins, ele disse: “Vamos encontrar o Carpeaux”. Saímos por Copacabana e fomos a um bar chamado Lido. Aí o Carpeaux apareceu, muito simpático, conversamos, foi agradável e eu verifiquei que ele tinha uma gagueira patológica. Não era propriamente uma gagueira constante, ele falava normalmente, assim como estou falando mas, de repente, a voz travava e ele não conseguia emitir som. Então, ficava crispado até dominar a situação e poder falar de novo. Fizemos boa camaradagem.

Eu escrevi sobre o primeiro livro dele: *A cinza do purgatório* [1942].<sup>1</sup> Quando saiu o livro fiz um longo rodapé. Já não me lembro mais se foi antes deste incidente da carta ou depois. Quando publiquei este artigo, ele me escreveu também. Enfim, estabelecemos esta ligação.

Lembro que em 1947, quando fui ao Rio, ele morava na rua Gustavo Sampaio. Fui visitá-lo e fiquei impressionado com uma coisa: a biblioteca dele. Era uma biblioteca só de obras de referência que tomava uma

---

<sup>1</sup> Só foi possível localizar um rodapé de Antonio Candido, dedicado ao segundo livro de Carpeaux, *Origens e fins* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1943) e publicado sob o título “Última nota”, na *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 mai. 1944. O texto foi transcrito para esta edição.

parede de alto a baixo, repleta de dicionários, enciclopédias, histórias da literatura, de tudo que você podia imaginar. Achei aquilo estranho. Depois, entendi. Ele provavelmente já estava elaborando a famosa *História da literatura ocidental* e você não pode ler todos os livros do mundo. É claro que a respeito de muita coisa é preciso se informar pelos resumos e pelos críticos.

Tivemos um ou outro contato pela vida.

Depois, quando veio o golpe militar, estranhei a notícia de que o Carpeaux se tornara um homem de extrema-esquerda. Passou a publicar, na imprensa alternativa do Rio, artigos de uma violência tremenda. Tanto assim que foi processado e correu o perigo de ser expulso do Brasil. Mas a esquerda não tinha muita ligação com ele e naquela época nossos problemas eram de tal ordem – a intervenção na Universidade, por exemplo – que não tínhamos como pensar nos outros.

Passado esse período difícil, ele me escreveu dizendo que estava trabalhando na enciclopédia *Mirador* e queria que eu fosse o responsável pelo verbete sobre Literatura Brasileira. Assim que li a carta dele comecei a pensar em quem iria convidar: período colonial, José Aderaldo Castello; romantismo, eu faço; naturalismo e realismo, João Alexandre Barbosa; parnasianismo e simbolismo, Péricles Eugênio da Silva Ramos; modernismo, Alfredo Bosi. Aí recebo nova carta dele: “Muito bom você ter aceito, só tenho um pedido a fazer, queria que você convidasse o Bosi para o modernismo”. Coincidiu! E assim foi.<sup>2</sup>

A propósito desse trabalho ele veio a São Paulo uma vez e reuniu-se conosco no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Isso nos anos 1970. E deu-se um fato interessante, que não entendi até hoje. Eu disse: “Carpeaux, essa *Enciclopédia Mirador* tem ligação com a *Britânica*?” Ele deu um pulo: “Antonio Candido, você me conhece, acha que vou trabalhar para a *Enciclopédia Britânica*, uma iniciativa imperialista?” E eu disse: “Você podia ter traído e virado a casaca”. Ele riu, todo mundo riu e ficou por isso mesmo. Aí, quando vão nos pagar, quem nos paga? *Enciclopédia Britânica*! Até hoje, não entendi se era uma brincadeira dele, se era piada... Deve ter sido piada, eu também não fiz piada? A empresa da *Mirador* era custeada pela *Enciclopédia Britânica*, que aliás é uma enciclopédia muito boa.

---

<sup>2</sup> O verbete “Romantismo” foi publicado na *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo/Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1975, pp. 1692-1695.

Depois disso eu só vi o Carpeaux mais uma vez. Houve um congresso, acho que uma feira do livro, ele foi lá em casa me visitar junto com o Luiz Costa Lima.

E há uma última coisa que é importante contar.

Um belo dia, em 1967, chego em casa e minha mulher me diz que tinham estado lá uns rapazes do curso de Engenharia da Universidade de São Carlos. Estavam se formando, convidaram o Carpeaux para ser o paraninfo mas ele não podia vir e gostaria que eu lesse o discurso que tinha escrito. Os rapazes disseram à Gilda: “Olha, Dona Gilda, o discurso é uma bomba de arrasar quarteirão, contra o regime militar. Se o professor Antonio Candido não quiser ler nós entendemos perfeitamente: é um discurso terrível.” E, de fato, o discurso não era brincadeira. Mas, respondi: “É claro que vou ler. Por dois motivos: primeiro para não dar parte de fraco, segundo porque é contra o regime militar e estou de acordo”.

Aí fui para São Carlos.

Naquele tempo, havia sido assassinado um sargento e o corpo foi encontrado boiando na lagoa Mirim, no Rio Grande do Sul.<sup>3</sup> Todos os indícios eram de que homem tinha sido torturado pela ditadura, assassinado e jogado na lagoa. E o Carpeaux propôs aos formandos que tomassem esse homem como modelo e patrono.

Foi muito interessante essa formatura. Foi num teatro. No palco, a mesa com as autoridades. Pelo teatro todo, as famílias, o público. Agora, na plateia, num quadrado grande, os formandos, todos de azul-marinho – é importante visualizar bem isso – e eu.

Na mesa estavam o vice-reitor da Universidade, que era um homem terrível, o professor Alfredo Buzaid – Ministro da Justiça no governo do general Emílio Garrastazu Médici –, das piores figuras da repressão; o diretor da faculdade, um professor dedo-duro<sup>4</sup> que dedurou colegas da USP; o Bispo e um o coronel do exército, comandante de regimento ali na região. Um verdadeiro punhado de orquídeas raras. E eu no meio.

---

<sup>3</sup> O corpo de Manoel Raimundo Soares, sargento do Exército e um dos líderes do “Movimento Legalista” que pretendia reconduzir à presidência da república João Goulart, deposto pelo golpe militar de 1964, foi encontrado boiando, com mãos e pés atados, no rio Jacuí, em 24 de agosto de 1966, em Porto Alegre.

<sup>4</sup> “Em maio de 1964, de volta à reitoria da USP, Luís Antônio da Gama e Silva nomeou uma comissão secreta, composta pelos professores Moacyr Amaral Santos (Faculdade de Direito), Jerônimo Geraldo de Campos Freire (Faculdade de Medicina) e Theodureto I. Arruda Souto (Escola Politécnica), com a finalidade de investigar e apontar “focos de subversão” na universidade e recomendar o expurgo de professores, alunos e funcionários. No fim dos trabalhos, a comissão recomendou em documento específico a suspensão dos direitos políticos de 52 membros da USP – entre professores, funcionários e alunos – pertencentes a dez unidades, citados nominalmente”. In: MOTTA, Rodrigo P. S. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

Toma a palavra um estudante e depois o paraninfo com o discurso que era realmente terrível e caiu como uma bomba.

Então o reitor se levanta e contesta o discurso do paraninfo.

Nisso houve uma coisa interessante. Naquele tempo, o Ministério da Educação estava fazendo um acordo com os Estados Unidos, o MEC-USAID [*United States Agency International for Development*]. Criticava-se muito dizendo que aquilo era uma ingerência dos Estados Unidos e da ditadura, um expediente para amordaçar os estudantes, e adulterar o ensino. Fora o fato do Buzaid ter achado que era uma caçoada com o nome dele pois, no discurso, o Carpeaux dizia “você têm que combater esse acordo de *USAID e abusaid*”. Parecia feito de encomenda e ele subiu pelas paredes. Se levantou e contestou dizendo que “a prova de que não se estava numa ditadura é que se podia fazer em público, diante de autoridades, um discurso daquele teor”. E continuou: “como no tempo da guerra da Espanha, em que havia a luta dos comunistas contra os democratas – os democratas, para o Buzaid, vice-reitor da Universidade de São Paulo, eram o Franco e os fascistas. Indo adiante, completou: “um comunista foi preso e um democrata disse a ele, ‘sou contra suas ideias mas defenderei até a morte o seu direito de expressá-las’”. Aí todo mundo prorrompeu em aplausos e o quadrado de estudantes olhou para mim. Cruzei os braços. Eles ficaram imóveis e também não aplaudiram. Foi muito bonito.

E o Buzaid completou dizendo lamentar ter que dizer o que tinha dito daquela “formosa oração”.

Foi um espetáculo curiosíssimo. Quando acabou, todo mundo foi embora assim como a congregação, que estava atrás de nós, e o diretor. Então virei-me para ele e disse: “Boa noite, diretor”. E ele se voltou muito sem graça e respondeu saindo apressado: “Boa noite, boa noite”.

Apenas dois dos professores desceram de onde estavam e vieram me cumprimentar, me acompanhando até a porta, como quem oferece proteção.

Foi muito interessante.

Escrevi para o Carpeaux contando tudo, dizendo que o vice-reitor – Buzaid –, o bispo e o coronel deviam ter suado frio.

E o Carpeaux respondeu agradecendo: “Gostei muito da imagem deles suando frio”.

– *O senhor tem esse discurso?*

Tenho, estou sempre para publicar. Quero publicar na revista do PT, mas ele está perdido, faz uns dois anos que não encontro. Tenho que publicá-lo com uma breve explicação na *Teoria e Prática*: é um texto importante do Carpeaux.

Depois disso acho que não tive mais contato com ele.

Uma vez, antes disso, os estudantes aqui em São Paulo, já depois do golpe militar, convidaram o Carpeaux para patrono, não paraninfo. Ele veio e alguém leu para ele uma saudação. Eu estava lá, fui cumprimentá-lo e convidei-o para jantar comigo e ele disse que iria jantar com os estudantes. Nesse dia o diretor da faculdade foi embora da sala sem falar com ele. Depois deve ter se arrependido e voltou perguntando “Onde está o Carpeaux?” – e eu disse que já tinha ido embora.

O Carpeaux foi um pouco, no Brasil, o que o Anatol Rosenfeld também foi, um herói civilizador: revelou tanta coisa naqueles artigos dele! O Carpeaux não é um crítico de grande profundidade, mas é um crítico de grande discernimento, de grande informação e de grande erudição.

Escrevi um artigo para o *Leia Livros*<sup>5</sup> sobre ele quando foi reeditada a *História da literatura ocidental*. Aquele esforço de síntese dele é admirável. Foi um grande erudito, um homem de informação fantástica. Agora, eu diria que ele tinha uma crítica mais informativa do que analítica. Conhecia muito filosofia, foi aluno do Max Weber.

Carpeaux me contava coisas interessantes. Uma vez editou um livro para um editor alemão, em Berlim, acho que no fim dos anos 1920, começo dos anos 1930, e não havia meio do homem pagar. Então foi a Berlim conversar com o editor, que disse “não posso te pagar, não tenho dinheiro, mas se você quiser, pode levar alguns livros. Tem uma pilha ali de um escritor tcheco que eu não sei quem é”. Carpeaux olhou, era um tal de Franz Kafka e pensou consigo mesmo: “Não vou levar isso não...”. E não levou...<sup>6</sup>

Anos depois, ele foi um dos primeiros a escrever sobre Kafka no Brasil e me dizia: “Imagine você se eu tivesse levado aquela pilha. Hoje estaria rico! Primeira edição do Kafka!”.

---

5 “Dialética apaixonada: Otto Maria Carpeaux”. In: *Leia Livros*, ano II, nº 13, São Paulo, Brasiliense, 15 abr. a 14 jun. 1979. Republicado em *Recortes* [1993]. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

6 Tratava-se da primeira edição de *O processo* (1925) e, na verdade, Carpeaux levou um único exemplar, o que não diminuiu seu arrependimento: “Fiquei triste. Tinha esperado um pagamento de 130 marcos, e o homem me quer dar seu encalhe. Agradei vivamente, e com certa amargura. Mas levei comigo aquele exemplar que já tinha aberto. Foi a maior burrice da minha vida inteira”. Após perder toda sua biblioteca “fugindo da fúria nazista”, Carpeaux conseguiu reaver alguns livros, entre eles *O processo*, sobre o qual afirma: “não pretendo me separar jamais do livro, pois foi meu segundo encontro com Kafka”. Ver: “Meus encontros com Kafka”. In: *Reflexo e realidade*. Rio de Janeiro: Fontana, 1978. Esse exemplar raríssimo encontra-se na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

Depois da morte dele, o escritor Fábio Lucas trouxe a São Paulo duas gravuras, a pedido de dona Helena. Uma para mim e outra para o Bosi, com uma dedicatória bonita dela: “Para Antonio Candido, amigo de Otto”.

Transcrição: Augusto Massi.

Edição de texto: Ana Luisa Escorel.

Entrevista: Breno Longhi, para projeto sobre obras de ensaístas brasileiros vinculados à cultura alemã, coordenado por Ligia Chiappini e promovido pelo Lateinamerika-Institut da Freie Universität Berlin, com apoio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 2009. Disponível em vídeo no site da universidade alemã.

*A Teresa agradece a Ana Luisa Escorel e a Breno Longhi.*